

Cultura

Jornal Angolano de Artes e Letras

25 de Abril a 8 de Maio de 2017 | Nº 133 | Ano VI • Director: José Luís Mendonça •

Kz 50,00

ECO DE ANGOLA

Pág. 3-4

TULIVASA MUHUKA (ATÉ AMANHÃ)

A ALMA DO POVO E A CULTURA VEGETAL

Quem sai de Luanda em direcção ao Sumbe, encontra sempre, depois da ponte do rio Keve, três ou quatro artesãos a vender os seus bancos de bimba, ou mulheres exibindo luandos de quipungo, que é uma espécie de planta de talo comprido que cresce abundante nas margens do rio. A nossa viagem não foi de negócios, mas sim cultural. E a beleza dos caminhos por onde passámos é um fresco natural pintado pelas mãos da Vida. Mas o mais interessante foi procurar nas comunidades mais remotas do Lubango, Namibe e Malanje, resquícios da tradição bantu e outros elementos que formatam as relações e certas actividades locais.



ARTES

Págs. 10 e 11

ADELINO CARACOL E AS ARTES CÊNICAS

A história do teatro em Angola começou a ganhar forças nos anos 90. Hoje o teatro é uma das artes com maior periodicidade. Todos os finais de semana, as pessoas podem assistir aos espectáculos, pelas diversas salas espalhadas por Luanda. Para falar um pouco da actual situação desta arte e dos seus fazedores, o Jornal Cultura conversou com Adelino Caracol, presidente da Associação Angolana de Teatro (AAT).



CDC ASSINALA DIA MUNDIAL DA DANÇA

Para assinalar o DIA MUNDIAL DA DANÇA, a Companhia de Dança Contemporânea de Angola vai abrir as portas ao público, com o objectivo de partilhar o trabalho diário de um bailarino.

ARTES

Pág. 12



PORTUGUÊS ANGOLANO: O QUE É?

Entende-se por Português Angolano o conjunto de todas as variantes do português falado nas dezoito províncias de Angola. Ndombele (2014, pág. 149), define-o como sendo "(...) a variante da língua portuguesa falada e escrita em Angola". O contacto permanente dessas variantes com as línguas africanas de Angola conferem-lhe um novo rosto, fazendo com que haja aspectos particulares do português oral de Angola.

LETRAS

Págs. 5 e 6



DIÁLOGO INTERCULTURAL

Pág. 14



LÍNGUA PORTUGUESA PROMOVE INTERCÂMBIO CULTURAL ENTRE ANGOLA E O EGIPTO

O ensino da Língua Portuguesa e da Literatura dos países da CPLP, no currículo do curso de Português na Universidade de Aswan no Egipto, abre uma janela para a promoção científica, o fortalecimento e aproximação cultural entre povos de distintas origens. Esta afirmação foi proferida há dias pelo adido de imprensa da Embaixada de Angola, na República Árabe do Egipto, Higinio Piedade.

POEMA DE NICOLAU SANTOS

KALUANDA

Nasci branco de segunda
Calcinhas ou kaluanda
Nasci com os pés no mar
em São Paulo de Loanda

Brinquei de pé descalço
Em poças de águas castanhas
Tive lagartas da caça
Não escapei às matacanhas

Comi manga sape-sape
Fruta-pinha tamarindo
Mamão a gente roubava
No quintal do velho Zindo

Pirolito que pega nos dentes
Baleizão, paracuca
E carrinhos de rolamentos
Numa corrida maluca

Tinha o Gelo, tinha a Biker
Miramar e Colonial
O Ferrovia, o Marítimo
Chás dançantes no Tropical

O N'Gola era só ritmo
O Liceu uma lenda
Kimuezo e Teta Lando
E os Ases do Prenda

Havia velhas que fumavam
E velhos com ar de sábio
Enquanto novas músicas
Se insinuavam na rádio

"E a cidade é linda
É de bem querer
A minha cidade é linda
Hei-de amá-la até morrer"

Quem não estudou no Salvador?
Quem não se lembra do Videira?
E das garinas de bata branca
Nossas colegas de carteira?

Depois havia o Kinaxixe
Futebol era nos Coqueiros
Havia praias, um mar quente
Savanas imensas, imbondeiros

E havia o som do vento
O cheiro da terra molhada
As chuvas arrasadoras
O fogo das queimadas

E havia todos os loucos
Do progresso e da guerra
A Joana Maluca, o Gasparito
A desgraça daquela terra

Nasci branco de segunda
Calcinha ou kaluanda
Nasci com os pés no mar
Em São Paulo de Loanda.



Cultura

Jornal Angolano de Artes e Letras

*Um jornal comprometido
com a dimensão cultural do desenvolvimento*

Nº 131/Ano VI/ 25 de Abril a 8 de Março de 2017

E-mail: cultura.angolana@gmail.com

site: www.jornalcultura.sapo.ao

Telefone e Fax: 222 01 82 84

CONSELHO EDITORIAL

Director e Editor-chefe:

José Luís Mendonça

Editor:

Adriano de Melo

Secretária:

Ilda Rosa

Assistente Editorial:

Coimbra Adolfo (Matadi Makola)

Fotografia:

Paulino Damião (Cinquenta)

Arte e Paginação:

Jorge de Sousa

Alberto Bumba

Sócrates Simóns

Edição online: Adão de Sousa

Colaboram neste número:

Angola: António Fonseca, Caetano Cambambe, Carlos Mesquita, Gildo Pimentel, Manuel (D'Angola) de Sousa, Mário Araújo, Nicolau Santos, Padre Basílio Tchikale, Raphir Ferreira, Voz d'Aurora

Normas editoriais

O jornal Cultura aceita para publicação artigos literário-científicos e resenhas bibliográficas. Os manuscritos apresentados devem ser originais. Todos os autores que apresentarem os seus artigos para publicação ao jornal Cultura assumem o compromisso de não apresentar esses mesmos artigos a outros órgãos. Após análise do Conselho Editorial, as contribuições serão avaliadas e, em caso de não publicação, os pareceres serão comunicados aos autores.

Os conteúdos publicados, bem como a referência a figuras ou gráficos já publicados, são da exclusiva responsabilidade dos seus autores.

Os textos devem ser formatados em fonte Times New Roman, corpo 12, e margens não inferiores a 3 cm. Os quadros, gráficos e figuras devem, ainda, ser enviados no formato em que foram elaborados e também num ficheiro separado.

Propriedade



Sede: Rua Rainha Ginga, 12-26 | Caixa Postal 1312 - Luanda
Redacção 222 02 01 74 | Telefone geral (PBX): 222 333 344
Fax: 222 336 073 | Telegramas: Proangola
E-mail: ednovembro.dg@nexus.ao

Conselho de Administração

António José Ribeiro

(presidente)

Administradores Executivos

Victor Manuel Branco Silva Carvalho

Eduardo João Francisco Minvu

Mateus Francisco João dos Santos Júnior

Catarina Vieira Dias da Cunha

António Ferreira Gonçalves

Carlos Alberto da Costa Faro Molares D'Abril

Administradores Não Executivos

Olímpio de Sousa e Silva

Engrácia Manuela Francisco Bernardo

TULIVASA MUHUKA

A ALMA DO POVO E A CULTURA VEGETAL

JOSÉ LUÍS MENDONÇA
(REPORTAGEM E FOTOS)

Tulivasa muhuka (até amanhã). Com esta frase na língua do povo Nyaneka, nos despedimos da província da Fenda da Tundavala, numa terça-feira, dia 14 de Março, no começo de um périplo cultural pelas províncias do Lubango, Namibe e Malanje, fotografando na berma das estradas o fresco natural pintado pelas mãos da Vida. Mas o mais interessante foi procurar nas comunidades mais remotas resquícios da tradição bantu e outros elementos que formatam as relações e certas actividades locais.

Quem sai de Luanda em direcção ao Sumbe, encontra sempre, depois da ponte do rio Keve, três ou quatro artesãos a vender os seus bancos de bimba, ou mulheres exibindo luandos de quipungo, uma planta de talo comprido que cresce abundante nas margens do rio.

Do Sumbe até Benguela, são mais seis horas de estrada, devido aos troços carcomidos pela erosão natural e o rolar dos pneus. E também porque eu e a minha companheira de viagem, a jornalista sueca e também directora da ONG “O Futuro nas nossas Mãos”, uma mulher com muita vivência de África e sobretudo de Angola, sempre jovial e activa, ao ponto de ser também detentora de uma editora, a “Panta Rei” que já publicou autores angolanos traduzidos pela própria, não fomos até aos confins de Angola para correr a alta velocidade, como o faziam os viajantes com quem cruzámos.

Benguela serviu apenas de ponto de trânsito. Na manhã do dia 10 de Março, partimos para o Lubango, onde arribámos no começo da tarde. Quem vai ao Lubango e não vê a Fenda da Tundavala não viu a maior torre de pedra que a Natureza esculpiu em Angola. Havia nevoeiro. Nas pedras, intemerárias cabras repousavam. Os pássaros eram os donos da vertigem da fenda. À entrada, depois da estrada recentemente reconstruída e empedrada, podia ler-se a lápide: “FENDA DA TUNDAVALA, Lubango, Huíla, paisagem natural e cultural classificada. Por Decreto Executivo nº 5/GAB/MIN-CULT/12, de 09 de Agosto de 2012.”

Dia 11, Sábado, pisámos o solo húmido de chuva de Palanca II e Tchangalala, com os nossos anfitriões da ADRA – Agência para o Desenvolvimento Rural e Ambiente. Roséria Wandy Lucas é uma jovem de 30 anos de idade, que tem dado o seu contributo em prol do desenvolvimento rural na província da Huíla. É ela que, no seu sorriso permanente, nos fala da associação de camponeses que congrega 40 membros, 25 mulheres e 15 homens, cada um deles com a sua lavra

aos quais a ADRA está ensinar um método de produzir alimentos a partir da batata-doce (bolinhos) e da abóbora.

Inserida na ADRA desde 2 de Março de 2014 como técnica de desenvolvimento comunitário, é ela a responsável do projecto Direito da Mulher à Terra, que aborda várias temáticas tais como: as questões de justiça e equidade de género, o uso e a posse de terras por mulheres, o potenciamento económico das famílias, dirigido às mulheres, alfabetização, apoio na obtenção de documentos pessoais, etc. O projecto Direito da Mulher à Terra está a ser implementado em dois municípios da Província da Huíla (Humpata com 11 aldeias e Gambos com 4 aldeias fazendo assim um total de 15 aldeias).

Roséria Wandy abordou connosco aspectos culturais ligados à vida das mulheres:

Efico (festa que se celebra quando a rapariga entra para a fase da puberdade);

Coi – adultério ou poliandria (prática a que as mulheres são submetidas para enriquecer o marido)

Sobre os aspectos culturais que mais preocupam e dificultam o desenvolvimento da mulher na província, Roséria destacou:

O Coi – por ser uma prática que expõe a mulher ao grande risco de contrair o VIH/SIDA, DTS e ITS, isto porque o esposo não se importa com o número de homens com os quais ela vai se envolvendo, o importante é que ele os apanhe para pedir multa (bois). Normalmente tem sido uma combina entre o casal.

O não direito à herança por parte dos filhos e esposa quando o marido ou pai morre (na tradição Mwila, quando o marido morre, a esposa e os filhos são cobertos no rosto e a família do falecido retira todos os bens, deixando assim a viúva e os órfãos na rua e sem nada), o herdeiro legítimo tem que ser o sobrinho da parte da irmã. Os filhos que não herdaram nada do pai, muitas das vezes vão à cidade à procura de novas oportunidades e os rapazes acabam por ser delinquentes e as meninas prostitutas. Desta forma, as comunidades rurais vão ficando mais fracas porque a maior parte da população é constituída por velhos.

A não cedência de parcelas de terras às mulheres faz com que elas se submetam a maus tratos e, se o marido morrer, ela volta para a casa dos pais.

FESTAS DO MAR

Dia 12, Domingo, acordou soalheiro e fomos ao Namibe. O mais belo nesta viagem começa na descida da Serra da Leba, deixando o carro ser enrolado pela serpente de asfalto com as suas 56 curvas, cujo nome ficou da engenheira que fez parte da equipa de construção rodoviária, Maria Alice Leba.

Meio caminho andado, nasce à nos-



Paisagem rural de Palanca II



Estátua da Peixeira do Namibe



Roséria Wendy, da ADRA

sa frente o deserto, areia e mais areia, até se chegar à cidade do peixe e do caranguejo grande, o Namibe.

Ali observámos a feira integrada nas Festas do Mar, evento anual da cidade portuária e pesqueira. Nessa feira, encontrámos artesanato diverso, livros expostos e dois criadores de poesia. O primeiro, com obra já publicada é o jovem Hélder Caculo, que ali estava a promover a sua obra O Sorriso da Dor. O outro era João Artes, também artesão de sandálias, que nos recitou de cor o seu poema “Me Aceita como eu Sou”.

De regresso, agora a subir a Serra da Leba, fomos colhidos pela chuva. A meio da montanha, a neblina surpreendeu a nossa marcha. Ligadas as luzes intermitentes e os faróis do



Casal de camponeses Nyaneka de Tchangalala.



Poeta João Artes

carro, lá subimos lentamente, cruzando com os veículos que deixavam o Lubango.

SOSOYO, SOYO

A terceira etapa foi a província de Malanje. A viagem foi tranquila, com uma breve paragem à entrada de Ndalatando, para um almoço frugal, depois de uma semana na capital.

Foi numa Quinta-feira, dia 23 de Março que, dirigidos pela ADRA, nos sentámos à sombra de uma mangueira na aldeia chamada Mbanzi do Sati, município de Cangandala.

António Correia, de 78 anos, António Muquixe, 56, Francisco Venda, 65, e Armando Kitumba, 50, foram os nossos anfitriões no Sati. Nesta aldeia, à

noitinha, o rio, o coelho, a lebre e outros personagens de misoso (estórias do povo) sentam-se à roda do fogareiro, na sala das casas onde se reúne a família, e ali se reconstróem narrativas que o tempo nunca apaga.

- Sosoyo, soyo -, diz o mais-velho António Correia. - O Coelho fez um pedido ao Leão: "Tenho óbito na minha casa. Empresta-me um boi."

Quando acabou o óbito do Coelho, o Leão foi cobrar a dívida. Respondeu-lhe o Coelho: "Avô Leão, você fica ainda calmo. Eu vou procurar, quando achar o boi, vou to entregar."

O Coelho convida todos os animais da mata, dizendo-lhes: "Amanhã, na minha casa, tem festa." De seguida, vai dar o alarme ao Leão: "Leão, amanhã, vai ter à minha casa, para te pagar a tua dívida."

Assim que os animais chegaram, juntou-os todos num quintal fechado e deu-lhes bebida. Entretanto, o Leão chega. Diz o Coelho: "Avô Leão, aqui está o que te devo. Apanha os animais que guardei para ti no meu quintal. Assim, saldo a minha dívida para contigo."

No Sati, diz-nos Correia, já não existem batuques, todas as festas são animadas com aparelhagem. Mesmo assim, os jisabu (provérbios) ainda são transmitidos aos mais novos:

"Kangulo ka tutunda kia vulu, sanga ni kimbungu." (o porco que passeia muito, acaba por se encontrar com um animal feroz).

"Quando o rio está cheio, você não tenta atravessá-lo, te apanham no jacaré." (o que é do outro não se pode mexer, se mexer é crime).

António Muquixe fala das curas segundo a tradição. O kimbanda tem um papel relevante na cura de determinados males. Quando uma criança nasce torta, deve-se chamar o kimbanda. Se vier com a cabeça grande, também tem o seu remédio, enquanto é recém nascida. Quando saem jingongo (gémeos), o kimbanda faz uma pequena cerimónia festiva. Chega com uma máscara com rosto humano e dá a kijila, sobre como é que se deve educar os gémeos até crescerem. A kijila: o primeiro a receber o alimento é aquele cuja cabeça saiu primeiro. O vestuário tem de ser igual para os dois.

Conceição Luciano, mais conhecida por Sany, tem 17 anos e é mãe de um bebé, Kika, de dois anos. Canta uma canção de embalar: "A nené que chora/ na minha varanda/ vai chamar a mãe dela/ pra lhe dar chupeta (bis). Nené, cala mbora/ nossa casa é de capim/ no dia que vai sair/ vamos mbora na mamã."

MARIMBEIROS DA KATEPA

Sexta-feira à tarde, 24 de Março, encontrámos Pedro Balanga, 39 anos, à nossa espera no bairro da Katepa. Ele e a grande marimba de 20 cabaças nos convidando para uma festa. Um conjunto artístico de quatro tocadores e quatro dançarinas. Integrantes do grupo Baixa de Cassange, fundado em 1986, pelos pais deles. Dos pais,

aprenderam a arte de tocar e também a de tecer marimbas:

- As cabaças de várias dimensões
- A base que varia de 18 a 20 teclas ou tábuas, e
- Os "jundanji", as baquetas para percussão, duas por tocador.

O grupo já esteve um dia na Guiné Equatorial, por ocasião do CAN. Cantam as canções do antigamente, sempre em kimbundo. E assim cantaram para o jornal Cultura, no quintal, com uma imensa mole de vizinhos curiosos, vestidos com a indumentária de marca. Pedro Balanga, o chefe da orquestra, Fernando Teixeira e Adão Teixeira, os três na percussão, entoaram três canções, enquanto Maria João Banzela, de 40 anos, e Delfina Victor, de 34, faziam o gosto ao pé e às ancas envoltas em muxiques, ou panos almofadados que cobriam as saias.

A nossa viagem de regresso à redacção do jornal, começou no Sábado, dia 25, com passagem por Kalandula, pois ir Malanje e não apreciar a espuma das quedas, é como ir a Roma e não ver o Papa.

No Kwanza-Norte fomos colhidos pela majestade das montanhas, o canto rumorejante dos rios sob as pontes e as aldeias perdidas nas encostas, unidas à terra e ao verde das florestas. Depois, foi um trajecto calmo até Luanda, que nos viu chegar quase pelo fim da tarde, a tempo de guardar os troféus da viagem, mandioca, carne de cabrito, um galo que nos ofereceram em Mbanzi do Sati, um pé de rosa de porcelana e duas múcuas fechadas no seu bojo de casca esverdeada que Gunilla Wimberg levaria para a Suécia, ela que gosta bué dos embondeiros, mas não lhes conhecia o fruto.



Bairro de Banzi do Sati, em Malanje



Tanque de guerra destruído, à saída de Ndalatando



Marimbeiros da Katepa do grupo Baixa de Cassanje



Dançarinas de marimba.



Gunilla e o repórter junto às quedas de Kalandula



Com os camponeses de Malanje



Sany com seu filho Kika

PORTUGUÊS ANGOLANO: O QUE É?

Entende-se por Português Angolano o conjunto de todas as variantes do português falado nas dezoito províncias de Angola. Ndombele (2014, pág. 149), define-o como sendo "(...) a variante da língua portuguesa falada e escrita em Angola".

O contacto permanente dessas variantes com as línguas africanas de Angola conferem-lhe um novo rosto, fazendo com que haja aspectos particulares do português oral de Angola. "O português falado em Angola encontra-se em permanente transformação. A própria dinâmica da língua, as interferências linguísticas, a criação de no-

vas palavras e expressões forjadas pelo génio inventivo popular, certos desvios à norma portuguesa imprimem-lhe uma nova força, vinculando-a e adaptando-a cada vez mais à realidade do país". (Irene, 2010, apud Ndombele, 2014, pág. 149)

Este entrosamento faz com que haja distinção entre o que por aqui é falado em detrimento do que se fora se fala. Embora não institucionalizado, embora não tenha um cunho político e normativo (pelo menos externo, pois já possui uma gramática interna), ao contrário do que muito enganosa e equivocadamente se afirma, tal va-

riante existe; só diz o contrário quem carece de uma boa visão e de uma má formação linguística. Variante essa que é falada por uma boa parte de Angolanos, sobretudo aqueles com status social, escolar e económico distinto da "elite angolana".

Dentro dessa variante, o calão, como uma variação linguística, é muito predominante. Em outras palavras, o calão tem fortemente contribuído, mas à moda dele, para o fortalecimento e engrandecimento da variante linguística em abordagem.

Há, em Angola, à semelhança das línguas bantu locais, determinadas variantes do português de Angola. Assim, assiste-se, o que é muito normal, (a) algumas discrepâncias no que diz respeito à prosódia, à semântica e ao campo lexical dentro das nossas variantes (quanto ao português). Por exemplo, em Malanje (Malanji) e em Luanda (Luwanda), utiliza-se dois léxicos diferentes (naile e mica) com o propósito de se referir, semanticamente, à mesma ideia: um fio meramente de plástico usado pelas nossas crianças, a fim de fazer com que o papagaio, por intermédio daquele fio, vá para longe. Embora utilizassem léxicos diferentes, notou-se que o papel semântico não difere. Outro exemplo, nas variedades do sul do país, aí mesmo nas zonas dos ovimbundu, há uma tendência enorme de alguns falantes, na oralidade, devido a certos factores e talvez uma grande influência psicológica ou regional, recorrem para troca de algumas "letras", por exemplo em "entender", por outras "enDender", embora escrevessem correctamente "entender". Em muitos casos, do ponto de vista psicológico, a dislexia e a dislalia surgem frequentemente.

Por não ser ainda uma variante convencionalizada, os diferentes modos de falar, que para Bagno (2007) têm, do ponto de vista científico, uma boa explicação, alguns militares de bantas brancas disfarçados de professores e que têm a gramática como um quartel general (é assim, pelo menos, que o meu amigo, Osvaldo, diz), por se denotar aspectos sintácticos, morfológicos, fonéticos, lexicais e semânticos discrepantes da língua do colonizador, ou seja, do padrão externo vigente em Angola, vêem como erro. Há até alguém que tristemente, talvez por desconhecer a Linguística, chame de um "lixo" e tantos outros nomes depreciativos, arrogantes, feios e preconceituosos por aí. Errado, na verdade, é a concepção que eles têm a respeito. Falando ainda daqueles tradicionalistas, nota-se uma preguicite linguística no que diz respeito ao estudo do português falado em Angola. Cada gramática dos nossos tradicionalistas, a nosso ver, é só mais um "copy-past" daquelas do ocidente. É só mais uma cópia au-



CAETANO CAMBAMBE

têntica das demais gramáticas existentes (é a coisa mais fácil de se fazer!). Uns até, sem vergonha, passam a vida a caçar erros de português em cartazes, em debates na tv ou na rádio, alguns desvios ortográficos em jornais, alguns falares que se demonstram estranhos, que para ciência, de acordo ainda com Bagno (2007, pp. 112-113), não existe, com o propósito de depreciar e estigmatizar todo aquele que comete um crime ao nível da gramática (é isso que eles dizem, enganadamente, é claro!). Quanto a isso, falando mesmo em cartazes, por exemplo aí na Estalagem, arredores de Viana, há um cartaz que faz alusão a uma Clínica de Oftamologia, no qual se nota em ponto grande o mais velho Salu Gonçalves, radialista, como rosto utilizado para que a Clínica, por intermédio daquela publicidade, ganhe mais "pacientes".

No cartaz, mais abaixo, encontra-se o nome daquela figura pública grafada da seguinte forma: "Salú Gonçalves". Do ponto de vista prosódico, não se nota erro algum em "Salú", embora se grafasse "Salú" com um acento agudo na segunda sílaba. Apesar da existência daquele sinal, pronuncia-se mesmo "Salu" e nunca "Saló", por exemplo. Do ponto de vista ortográfico, sim, nota-se um erro de acentuação, que não é taxativamente de português, porque, pelo "U" de SalU ser já tónico, não há razão por que se deve acentuar graficamente.

Lá mais para frente, é possível, quase semelhante ao caso que anteriormente reportamos, encontrar estampado, aí na SGO - Viana, o seguinte:

"Sejam-bem vindo".

Do ponto de vista da fala, a comunicação flui, sem chegar mesmo a apresentar problemas semânticos ou de qualquer coisa parecida. Não é meramente um erro (quanto àquela vertente, é claro!). Todavia, no plano gráfico da língua, há uma incorrecção no que diz respeito à colocação do hífen entre a flexão verbal (sejam) e o elemento a seguir (bem). E não há, do ponto de vista comunicativo, alguém que possa entender o oposto daquela nota.

Voltando para o ponto acima, preci-





samos, e é urgente, de uma variante local padronizada, de uma variante nossa, que não discrimina o que por aqui se fala. Embora muitos apelos se tenha lançado e que o nosso Estado, todo doentio, ainda esteja a marcar passos de tartaruga (só para não dizer que está parado) a fim de perceber, digamos, que há uma necessidade enorme de olharmos para o nosso país linguisticamente. Há, ainda, uma outra necessidade: afugentarmos, de uma vez por todas (permi-tam-me), este fantasma colonial linguístico. Talvez não haja isso, até agora, porque o nosso Nguerno (é assim que muitos ovimbundu, um grupo etnolinguístico de Angola, pronunciam o nome Governo) ainda acha tal língua, essa que o poder político obriga-nos a aprender na escola, uma língua “civilizada”, “emancipadora”, etc., tal como se lê abaixo:

“A língua europeia escolhida como oficial desempenharia um importante papel na construção dessa identidade, afinal as nações africanas eram resultados do choque cultural europeu e africano. No entanto, não podemos nos esquecer de que essa língua dita europeia, não era mais tão europeia, já que em solo africano sofreu influências e transformações, formando mui-

tas vezes uma nova língua, como o crioulo de Maurício, Seicheles a Cabo Verde ou uma variação da língua europeia. (Silva, 2009, apud Ndombele, 2014, pág. 140)

“Essa escolha foi baseada no que Mariani chama de “ideologia do déficit linguístico nas línguas africanas” (MARIANI, 2007:241), isto é, na ideia de que a língua europeia é “emancipada, emancipadora e desenvolvida, enquanto as línguas africanas são tidas como primitivas, tradicionais e subdesenvolvidas”. Ou seja, para as elites, as línguas europeias estão mais preparadas e têm inclusive um potencial maior para representar a realidade do mundo atual, com seus avanços tecnológicos e científicos. Tal medida baseia-se na concepção centrista ocidental de mundo e a língua europeia aqui é vista como um instrumento civilizatório e como critério para o desenvolvimento da África”. (idem)

Para isso, torna-se assaz relevante, não ainda de um ponto de vista normativo, descrever linguisticamente o português que por aqui se fala e, só assim, após de se levantar tantas hipóteses, olharmos para vertente normativa.

ALGUMAS CARACTERÍSTICAS (e divergências entre o Português Europeu e de Angola) DO PORTUGUÊS FALADO EM ANGOLA

1- No português falado em Angola, pelo menos nas variedades de Luanda e Malanje, a supressão da desinência verbal ou nominal de certas palavras é completamente, à semelhança do que se vê no Português Brasileiro e Moçambicano, notória. Os tradicionalistas dizem que os angolanos gostam muito de comer o “S” e o “R” em situação final.

Exs.:

- a) Nós estamo(×) bem;
- b) Vou *falá(×) depois.
- c) Vou *fazê(×) mesmo.

2- A concordância frásica, por vezes, não se denota, por exemplo, em todos os constituintes frásicos (SN, SV, etc.). O determinante (ou qualquer pronome) que inicia a frase, às vezes, é que indica que a frase está no plural, embora os demais constituintes estejam, nalguns casos, no singular. Noutros casos, quanto ao género, não se denota uma ligação entre o feminino × feminino (ela é muito boM naquilo que faz; A minhA blusA é pretO), masculino × masculino, etc.

3- Assiste-se, também, a uma troca de regência verbal quanto à norma (estrangeira) vigente em Angola. Enquanto o padrão europeu diz que os verbos A, B, C e D regem, por exemplo, simplesmente as preposições K, T, G e P, respectivamente; no português angolano acabam por ganhar uma nova ordem, fazendo com que se coloque para trás a ordem estabelecida pelo PE. Para isso, prestemos atenção para o caso do verbo “IR” (e outros):

- No PE, no sentido de se deslocar de um lugar para o outro, vai-se A.

a) Eu vou À [a[prep.] + a [det. art. fem.]=à) escola;

- No sentido de se deslocar de um lugar para o outro a fim de uma temporada enorme, o PE exige que se deve ir PARA.

b) Vou PARA Kashitu (Caxito).

- No sentido de “em direcção a um ponto”, o PE exige que se vai EM

c) Vá EM frente.

Ora, no português falado em Angola, decerto que acontece o contrário, pois sempre que há uma ideia de movimento de um ponto para o outro, não se faz questão, embora não seja taxativamente, de se colocar em causa o que vimos nos pontos A, B e C, pois, por aqui, vai-se mesmo EM, PARA e A, sem levar em conta o que o PE exige quanto à estadia permanente, temporária, enfim. Em Angola, todo e qualquer movimento de um local (ou direcção) para outro indica ir EM, ir A e ir PARA. Embora se notasse tal discrepância entre o PE e o PA, a ideia de problemas comunicativos, na variante angolana, não é notório.

4- No PE, o verbo assistir, no sentido de ver, presenciar e testemunhar, pede a preposição simples A. Assim, para o PE, assiste-se Às novelas, Aos filmes, etc.

No sentido de ajudar e prestar as-

sistência é um verbo transitivo directo. Logo, os médicos assistem o doente.

Face ao que acima se estabeleceu, apraz-nos dizer que, no sentido de ver e prestar ajuda, contrariando o PE, o verbo assistir é simplesmente transitivo directo, embora se note, com pouca frequência, outro lado da moeda. Em outras palavras, no PA, tal verbo dispensa aquilo que, normativamente, o PE leva em conta.

Ex.: Assisti ontem, no Zap Viva, o jogo do Petro × 1.º D’ Agosto.

5- O pronome VOCÊ, embora alguns tradicionalistas dizem que pertence à terceira pessoa e outros, contrariando-os (é o caso de D’ Silvas Filho, 2011; e Magnus Bergstrom, 1997; Bagno, 2006), dizem que pertence à segunda pessoa. Assim, no português falado em Angola, é utilizado, nalguns casos, como um pronome-sujeito da segunda pessoa e com a flexão verbal também na segunda pessoa.

Ex.: Você disseste o quê?

6- O PE diz que o verbo “nascer” é intransitivo. Por outras palavras, não exige um objecto directo ou indirecto para lhe completar a acção. Mas, na variedade angolana, é às vezes utilizado como um verbo que exige um agente e um paciente. Doutra forma, é usado como um verbo transitivo.

Ex.: A Antónia nasceu um bebé lindo.

Tal como acontece em Latim e em Português (europeu), há verbos que no PE são intransitivos, mas que na variedade angolana não, vice-versa.

7- Enquanto no PE o verbo “cortejar” equivale a uma outra coisa, na variante angolana equivale também a uma outra coisa.

Ex.: Deves cortejar bem o tomate, filha.

Há muito que se falar a respeito. Entretanto, julgamos apresentar simplesmente o que se viu.

Referências Bibliográficas:

BAGNO, Marcos. (2006) A língua de Eulália : novela sociolinguística. 15a. ed. São Paulo: Contexto.

BAGNO, Marcos. (2007) Preconceito Linguístico — o que é, como se faz. 49a. ed. São Paulo: Loyola.

BERGSTROM, Magnus. (1997) Prontuário Ortográfico E Guia da Língua Portuguesa. Lisboa: Notícias.

FILHO, D’ Silvas. (2011) Prontuário de Erros Corrigidos de Português. 4a. ed. Luanda: Textos Editores.

NDOMBELE, Eduardo D. T. (2014). Políticas Linguísticas em Angola: uma reflexão sobre a identidade sociolinguística nacional. (Tese de Doutoramento em Linguística). Universidade San Lorenzo, San Lorenzo.

Caetano de Sousa João Cambambe é um jovem natural de Malanje. Fez o Ensino Médio na Escola de Formação de Professores de Malanje, opção Língua Portuguesa e EMC. Actualmente, é residente em Luanda, Viana; licenciando em Ensino do Português e Línguas Nacionais, na Universidade Jean Piaget.

VOZES NOVÍSSIMAS

“A Literatura se alimenta de Literatura.
Ninguém pode chegar a escritor se não foi
um grande leitor.”

José Luandino Vieira



Crónica

de Raphir Ferreira



A ESPERA PELA PRECIPITAÇÃO!

Revoga a pressa e aprecia um processo intemporâneo, o estado que se assume por instantâneo e exhibe a autoridade possuída que é o existir, mesmo que feito um parasita cuja vivência depende do apoderar de espíritos aflitos que o condicionem a não sucumbir. À beira-mar apodera-se de um, este tem os pés molhados de um vai e vem de ondas usurpadoras de emoções capazes de reduzir um leque de sentimentos a nenhum, e não é segredo algum ao espírito abarrotado somente de pranto do mais obscuro e puro, para si o local era mais que privilegiado para quem se quer vazio e esvaiado e ter um determinado estado em si aprisionado. Consegue! Nada sobra dentro de si senão o estado que o acompanha no deslumbrar de uma visão que sucedia a extracção de prantos de almas e envolvia a encarnação destes no mar que pareciam em dança sincronizada com as ondas estar; embora já não o quisesse sentir, incoerentemente alivia-se ao saber que ainda pode ver o que de si saiu, e ao estado que sempre se alimentara daquele manjar, invade a controvérsia de maravilhar-se com o fenómeno do suplemento que do seu hospedeiro fugiu. Dissipava-se agora toda essa nostalgia, a camuflada demência aos poucos desaparecia e a um ritmo tão acelerado que ter pressa parecia, evaporavam as águas com a escuridão saída do espírito que por acaso era tudo o que havia no espírito e consequentemente tudo que já não havia no espírito, eram agora fluidos que eram ainda emoções que subiam lentamente aos céus a desprezar o espírito do qual foram réus, enquanto o estado que numa obrigada greve de fome que o devia matar assiste um dismantelar de beleza que o faz lamentar e o espírito passava a questionar-se do que era melhor, ficar tão vazio que até ouvia um eco interior ou sofrer com os seus prantos que nunca quisera expor. Alarmam-se ao ver que ainda são presentes, ainda são existentes, a sua bela desgraça emocional apenas foi convertida a nuvens consistentes, pesadas, acinzentadas e bem carregadas, com uma forte tendência de serem precipitadas, ambos aguardam esperançosos o retorno, afinal ao espírito era mais cruel estar vazio, preferia agora estar cheio mesmo que apenas de complementos que só o teriam ferido, e ao estado mais que maravilhado, vale estar bem comido. Num instante a tendência pára e tudo decai num processo desfalecente, a nuvem passa a desfazer-se e com o ex-património do espírito desaparece, o estado dentro do dele rebela-se, pois decerto já não se alimentaria e morreria agora que era inútil a espera pela precipitação, só lhe restava uma opção, alimentar-se do espírito que o teria aprisionado em vão.

Raphir Ferreira, 20 anos, estudante universitário no terceiro ano do curso de engenharia de minas, artista literário sendo cronista lírico!

Três Poemas

de Voz D'Aurora



NEGRA KIANDA

Fala-se da bel kianda
Rainha do mar sob as ondas a perfilar
Conta-se nesta Luhanda, talvez lenda seja kianda
Que aqui em Luhanda anda

Canta-se da bel kianda
Prosa ou poema, sonhos do mar ou maresia?
Só em Luhanda há
Além a lenda anda, anda a lenda da bel kianda

Fala-se da bel kianda
Kianda no mar, na fábula da banda
Quis meu pincel dela expressar
Só meu lápis de carvão, no cordão da emoção
Soube kianda então representar

Projectam-se marés de ideias sobre o poder desta sereia
Kianda menina, do mar a padroeira
Que bela é a kianda
No dizer das palavras, na acção, concepção das ideias
Tem poder, tem alma kianda, menina, velha sereia

Diz-se que é no mar, é no mar que ela anda
Mas é no mar? Onde anda?
Deixai kianda relíquia da banda
Deixai kianda, negra kianda, que aqui a lenda anda,
Anda a lenda sobre a bel kianda!



Crónica de Carlos Mesquita



AINDA UM MEDIDO SONHO LUANDENSE

Eu sempre tive um sonho, um sonho de pequeno, um sonho da antiga primária ou da dita cabunga, um sonho fantasiado, dos livros, do capim das lagoas, dos peixes gumes, da farinha de musseque e do pão ralado, um sonho misturado de pão e bolo rocha, de doces de queque, de coco e de ginguba mas um sonho de menino a um sonho grande.

O sonho não era de beber, fumar, de roubar e de mentir ou falsear, era um sonho de grandeza, de florescer, de justiça, este sonho continha versos lindos, frases de flores, versos de quintais, prosas de casas de barro e madeira, sonhos dos doces de dendém e a rara pitanga, o rico tambarino, o sonho de ser um pequeno homem, gigante, também cruel humano da doce inocência.

Tinha o sonho de conquistar a realeza, o belo esculpir o sonho, a silhueta estridente de muitas estrelas das cidades, das ruas e praças. O sonho de ser poeta, escritor, escrever de uma angolidade, de ser ambicioso e de ser até o sonho de muitas conquistas das interrogações, um sonho da lei de rosas e um grito de outros sons exaltados por ilhéus, mas um sonho de tirar o veneno da cobra venenosa mácuca e misterioso leito da múcuca e do embondeiro, um sonho que parte da antiga Maria da Fonte ao Kinaxixe antigo e não haxixe ao transparecer na longanimidade arquitectónica do actual, das miragens, milagres de estudantes dos micates, dos maracujás e sonho de curtir e dissecar a lei da escravização.

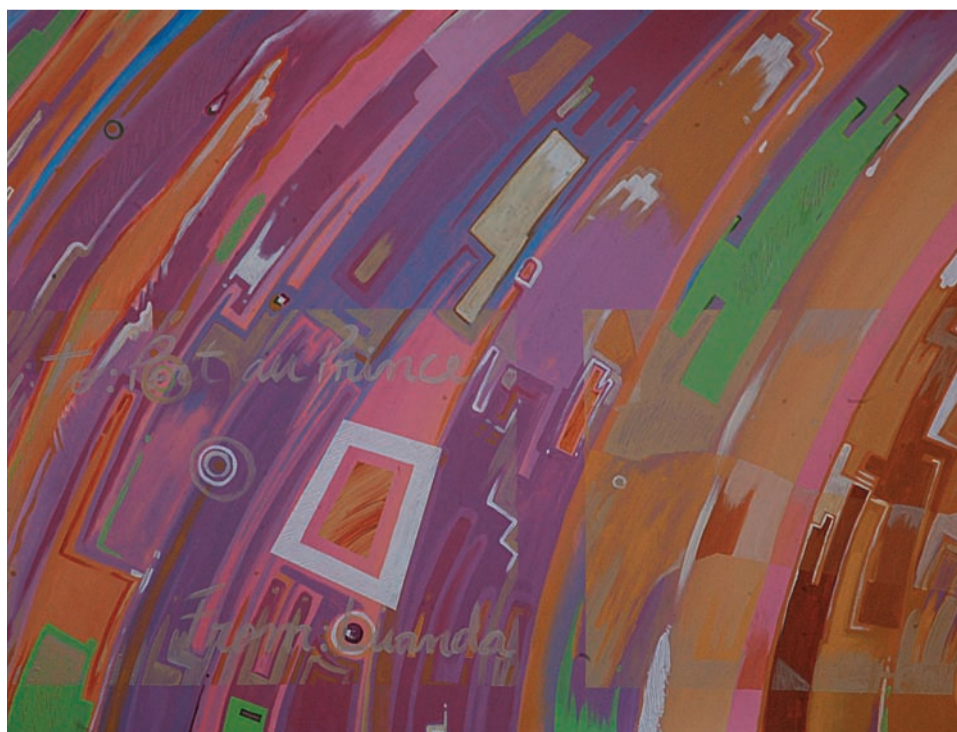
A sofreguidão do sonho estava diluída de notas belas e silenciosas, da extremidade ofegante da espontaneidade de cada alma vivente, a solenidade da tristeza engolida nos sonhos antepassados e que nos presentes ladrilhamos de valentia.

Neste sonho cantamos hinos, e gritamos de calcanhar a cada calcanhar o palmilhar de uma longa distância, no sonho cantamos nas fogueiras da rua no Nelito Soares, a rua da Monção, nas fogueiras militares de pioneiros e dos grandes, sonhos como sonhamos nas guerras e no raiar das vozes angolanas as lutas de muitas conquistas e pedestais, cantamos também nos sonhos as belas raivas das flores que marchavam, mas ensanguentados sonhamos a liberdade e o brilhar de uma indecência igual a todas as outras, sonhos cantando, nos sonhos de menino os hunos das escotilhas de blindados em cadernos de desenho, as virgindades luandenses, das lânguidas realidades turbilhonadas, sonhamos de pequeno a dignidade de não ferir a ferida de um calcar de um homem em pele grossa e fina e sonhamos longamente deitados em eternos beijos da solvibilidade juvenil.

O olhar de um sonho oculto até de zero anónimo de areal continental da urbanidade, aguçando os eternos sonhos que todos vincaram em colher melões e menções pelas flores à guisa das abelhas no azedume de um mel.

Luanda, 16 de Abril 2017

Carlos Mesquita é jornalista, jurista e Membro Da Brigada Jovem de Literatura Angolana.



SENHORA NOSSA MERETRIZ

FNa berma não tem cicratiz alguma
Olha p'ra quem diz, senhora nossa meretriz
Na berma, nada mais espanta,
Seu retrato desencanta, senhora nossa meretriz

Os velhos clamam, os velhos reclamam
Mas quem será o juiz?
Gritos daqui, gemidos dali,
E ninguém prediz.

Na berma, só quem conhece o asfalto
Só gente de betão!
E a gente quem vem lá da ombala?!
Os velhos clamam, os velhos reclamam,
Mas quem será o juiz?



CALARAM-LHE A BOCA COM PIPOCA

O tamborim da terra já não toca mais
Já não suspira, não toca nem ronca mais
Calaram-lhe a boca, calaram-lhe a boca com pipoca

Já não se canta nas ombalas e serões de nossa tradição
Já não fala das malambas e o luto farfalhante no olhar da nação
Calaram-lhe a boca, calaram-lhe a boca com pipoca

Não clama nem reclama seu lugar também
Nem se juta à nós nas noites sem manjar
Calaram-lhe a boca, calaram-lhe a boca com pipoca

Nakambiote também esqueceu de sua identidade
Esqueceu de ser gente e o valor da liberdade
Calaram-lhe a boca, calaram-lhe a boca com pipoca

Olha que senhor juiz também perdeu dignidade
Divorciou-se da verdade para alimentar as vontades...
Cremaram-lhe a boca, cremaram-lhe a boca com pipoca

Polícia agora não é agente mais
Deixou de ser agente para ser vagagente
Calaram-lhe a boca, calaram-lhe a boca com pipoca

Nakambiote viu o professor comer a Margarida
- como ela já aprovaste e não estudes mais -
Assim disse o professor
Calaram-lhe a boca, calaram-lhe a boca com pipoca

ESFREGANDO O SILÊNCIO DA ARDÊNCIA NA CÓRNEA DESFEITA EM ÁCIDAS LÁGRIMAS

MANUEL (D'ANGOLA) DE SOUSA

Sopro o pífaru em retirada acelerada
Fujo da realidade actual e pulo fora
Retiro às pressas tudo o que tenho dito
Retraio todos os preceitos atrás de um pilar...

Escavo sem fundamento as fundas fundações
Enceto uma correria contra o tempo para me ocultar
Corto caminho indo às curvas e aos ziguezagues
Abençoo-me o melhor que consigo ou posso...

Oiço os Anjos a tocarem as cornetas triunfais
Subo subitamente a escadaria para me juntar a eles
Deixo o portal aberto para que vêm a seguir
Vou à varanda espreitar miragens à distância

Borro a escrita toda com um mero mata-borrões
A fita das inaugurações chegou à justa ao fim
Deslizo pelo gelo tão logo começa o degelo das águas
Jogo flores e pétalas para a esquerda e para a direita

Enfio-me a eito por um beco de saída exígua
Julgo sumariamente e condeno actos explosivos
Expurgo e expulso indomáveis Demónios do corpo
Exorcizo as maldade e mágoa santificando o espírito

Exponho galerias de arte sacra exposta a sacrilégios



Somo números primos improváveis a fenómenos estranhos
Começo aquilo que antes acabei ou conclui no final das contas
Abordo com adequada suavidade as questões mais difíceis em silêncio...

Escrito em Luanda, Angola, a 10 de Abril de 2017, por Manuel (D'Angola) de Sousa, em pleno sentido Pesar e em Solidariedade com o Povo Egípcio e sobretudo, com a vitimizada Comunidade Crista Copta do Egipto e em vigoroso repúdio aos odiosos, vis e trágicos atentados mortais, perpetrados pelos inimigos do Espírito da Paz e Inter-Religioso Mundiais, em um par de Igrejas Coptas do Egipto...

Padre Basílio Tchikale

Cantigas de um amigo (trovas de namorado)

Anjelina ombala (Angelina dói-me)

Solista: Anjelina, Anjelina ombala we ya
Coro: Anjelina, Anjelina ombala we. (bis)
Okwenda kwenene, ndalyatela k'olosongo
Omahi yalenda kacitava okutingita.
Anjelina, Anjelina ombala we!
Solista: Ocenye
Coro: canumana we, ndasya okulila.
Solista: Ocenye eci.
Coro: canuma we, ndasya okulila...

Amor por Angelina

Solista: Angelina, Angelina, amo-a tanto
Coro: Angelina, Angelina, amo-a tanto (bis)
De tanto vaguear, pisei sobre os espinhos.
O pé inflamou-se e não é possível remexer as ancas.
Angelina, Angelina, amo-te!
Solista: o grilo
Coro: morde-me, por um pouco chorava
Solista: Este grilo
Coro: morde-me, por um pouco chorava.

Angelina ombala (literalmente: Angelina dói-me). Não se trata de uma dor física, mas sim de uma afeição; de uma paixão cega e brutal que um cavalheiro sente por uma jovem. Um afecto tão forte que o leva a andar tanto, isto é, não parar em casa, para conquistá-la até meter-se em sarilhos: ndalyatela kolosongo (pisei nos espinhos), como está expresso poeticamente na canção.

Sacerdote do Clero Diocesano de Luanda, da Igreja Católica, o padre Basílio Tchikale nasceu em 1973, na localidade de Epalanga Kawe, no Huambo. Formou-

se em filosofia e teologia no Seminário Arquidiocesano do Sagrado Coração de Jesus, em Luanda.

"Cantares dos Ovimbundu" tem 135 canções e "Sabedoria Popular dos Ovimbundu" 630 provérbios em Umbundu. Os dois títulos foram publicados pela Kilibelombe e estão a ser comercializados ao preço de dois mil kwanzas.



UMA ANÁLISE POR DENTRO DO TEATRO

ARTES CÉNICAS PRECISAM DE PROJECTOS INOVADORES

Adelino Caracol realça a importância de um cadastramento nacional dos grupos e companhias no activo

ADRIANO DE MELO |

A história do teatro em Angola começou a ganhar forças nos anos 90. Porém isso não significa que não houvesse artes cénicas antes da independência, nos anos seguintes após a “Dipanda”. Hoje o teatro é uma das artes com maior periodicidade. Todos os finais de semana as pessoas podem assistir aos espectáculos, pelas diversas salas espalhadas por Luanda. Os grupos de teatro também têm surgido com maior regularidade. Para falar um pouco da actual situação desta arte e dos seus fazedores, o *Jornal Cultura* conversou com Adelino Caracol, presidente da Associação Angolana de Teatro (AAT).

Jornal Cultura - Neste período de crise, que soluções ou projectos podemos usar para rentabilizar o teatro angolano?

Adelino Caracol - Projectos são vários, mas acredito que a prioridade deve ser dada principalmente as produções de teatro com parceria, por ajudarem a dar uma nova e maior dimensão aos espectáculos, quer a nível quer internacional. É preciso também olhar mais para o teatro nas campanhas de mobilização e sensibilização, em particular nos projectos ligados as acções governamentais.

Jornal Cultura - É possível termos um mercado económico mais activo através do teatro?

Adelino Caracol - Sim é possível, mas isso passa primeiro por apostas em criações mais sérias, do ponto de vista técnico e da argumentação, e capazes de dar a devida projecção internacional aos espectáculos nacionais. Outro aspecto importante é a produção regular de peças de teatro.

Jornal Cultura - A participação em festivais estrangeiros é um factor de dinamização?

Adelino Caracol - Sim é um factor muito importante, porque os intercâmbios com grupos de outros países permitem aos actores e directores nacionais assimilarem mais e aprender muito sobre outras metodologias de trabalho diferentes.



Adelino Caracol

Jornal Cultura - Hoje as adaptações de peças tem sido comum e os temas sobre o quotidiano ficam em plano secundário. Qual é a melhor saída para o teatro nacional?

Adelino Caracol - Acredito que as duas vias são validas e importantes, mas prioridade tem que ter como base a realidade nacional, porque é também uma forma de construirmos e consolidarmos a nossa dramaturgia, assim como ajudar mais na educação do público, afinal o teatro também tem uma vertente formativa.

Jornal Cultura - Já temos um público educado para o teatro?

Adelino Caracol - Claro que sim. As salas abarrotadas aos finais de semana são uma prova disso. Porém, o poder de compra das pessoas ainda é diminuto e muitos ainda continuam distantes das salas de espectáculos.

Jornal Cultura - Como vê a questão da formação dos profissionais de teatro?

Adelino Caracol - A questão da formação é sempre preocupante não só no campo artístico, mas noutros também. Os quadros qualificados são a chave do desenvolvimento de qualquer país. Veja, por exemplo, a questão da desestruturação familiar, uma realidade que torna-se real a cada dia, mas são apenas os artistas que fazem críticas e analisam o assunto com muita frequência. Portanto precisamos apostar mais neste aspecto.

Jornal Cultura - E quanto a questão dos horários, geralmente as peças são de noite?

Adelino Caracol - Os horários não devem ser preocupante, porque apesar de serem exibidas de noite e as pessoas viverem, actualmente, um pouco distante do centro da cidade, elas são apresentadas em "horário nobre". Também pela dinâmica de uma cidade como Luanda, acredito que a maior parte das pessoas se sintam mais confortável em ver os espectáculos de noite.

Jornal Cultura - A falta de pré-estrela das peças é prejudicial?

Adelino Caracol - Esta é uma questão mais ligada a factores de metodologia de produção, visto que dependem muito da organização de cada grupo. Os artistas de teatro precisam de ter objectivos comuns que os ajudem a conquistar mais espaço entre o público e o mercado internacional. Para muitos as pré-estreias são o de menos importante, porém, essas secções nos ajudam a ver o que há de errado, ou as falhas do espectáculo, antes da sua exibição oficial.

Jornal Cultura - O teatro ainda está concentrado em Luanda. Como tem sido o trabalho da AAT noutras províncias?

Adelino Caracol - Nas demais províncias do país, a AAT tem realizado um trabalho de profundidade e muito sério, de forma a organizar melhor os

grupos. Estamos a criar todas as condições para cadastrar o maior número possível de grupos a nível nacional. Mas, apesar disso, não tem como equilibrar. Luanda é o maior centro do país, a todos os níveis, até mesmo no poder de compra se sente essa superioridade.

Jornal Cultura - Qual a sua opinião sobre o surgimento repentino e contínuo de grupos de teatro pelo país?

Adelino Caracol - Por um lado é preocupante, mas por outro é uma mais-valia muito bem-vinda, porque tem ajudado os jovens a ocuparem os seus tempos livres. Agora é importante os ajudarmos, não só a AAT, mas também os grupos mais experientes, de forma que estes tenham uma noção mais ampla do que é o teatro. Alguns destes jovens têm se inspirado nos colectivos e companhias mais antigos para criarem os seus. Porém é preciso reforçar o intercâmbio com estes, para não levarem o teatro angolano para a banalização.

Jornal Cultura - Como está a questão da legalização destes grupos?

Adelino Caracol - Por estarem localizados em Luanda esse problema tem sido resolvido rápido. Alguns surgiram do nada e hoje são referências nos seus distritos. A AAT está a trabalhar com os seus dirigentes no registo destes.

Jornal Cultura - O teor das peças ainda é um problema?

Adelino Caracol - Do meu ponto de vista sim. Pelo que vemos ainda falta maturidade no tratamento dos temas e esta inexperiência precisa ser superada, principalmente nesta fase em que o teatro angolano já chegou além fronteiras. É preciso também realçar que quando o espectáculo tem um tema profundo e bem estruturado, não importa se é uma comédia ou um drama, é sempre muito bom, porque nenhum género é inferior ao outro. O argumento é que precisa de maior atenção dos encenadores. Nesta altura o intercâmbio com outros grupos é sempre muito bom.

Jornal Cultura - O que tem sido feito pelo teatro infantil?

Adelino Caracol - Este género das artes cénicas é ainda um seguimento sensível que precisa de formadores adequados e profissionais, especialmente em termos pedagógicos e didácticos, visto que é dirigido especificamente para um público-alvo e estes precisam de um cuidado especial e diferente do adulto, desde a linguagem a ser empregue até a história exibida. Uma das actuais preocupações da AAT é o teatro infantil. Queremos apostar mais na formação de formadores e na realização de produções infantis.

Jornal Cultura - Existe uma letargia do teatro comunitário, ou podemos acreditar que esteja mesmo em "extinção"?

Adelino Caracol - Actualmente



O futuro do actor angolano é o teatro

existe sim uma letargia neste género de teatro, porque o convencional ganhou mais espaço, apesar de não existirem tantas salas adequadas para a exibição. Mas ainda existem "grupos sólidos" no teatro comunitário, como o Julu, ou o GTO Angola. Acredito que agora, com a aproximação das eleições, muitos grupos de teatro, mesmo os que fazem o convencional (o feito nas salas) tenham de voltar a fazer, de forma a sensibilizar mais as pessoas, particularmente nos períodos pré-eleitoral, eleitoral e pós-eleitoral.

Jornal Cultura - Qual é o futuro do actor angolano: o teatro ou a televisão?

Adelino Caracol - Apesar de muitos verem a televisão como a melhor saída, devido a projecção da sua carreira, o futuro do actor angolano, e de qualquer outra nacionalidade, é o teatro. Por isso muito erram por ver a televisão como a melhor saída. O palco é o espaço ideal para o actor se tornar um profissional, por isso é preciso solidificar mais os grupos, consolidar a produção de teatro e profissionalizar os agentes ligados ao sector.

Jornal Cultura - Já existe um salário condigno para quem faz do teatro a sua vida (actores, encenadores, cenógrafos, ou produtores)?

Adelino Caracol - Ahahahah (risos). Salário Condigno? Ainda não há salário no teatro. Há sim estímulos. O caminho é longo e é preciso dizer as pessoas que pensam em criar grupos devido ao lucro, ou fazem espectáculos para obterem retorno com a venda de bilhetes, que estão a apostar no ramo errado. O primeiro objectivo de quem faz do teatro a sua vida é e deve ser o público.

Jornal Cultura - Na sua opinião quais são os desafios do teatro para os próximos anos?

Adelino Caracol - Nos próximos anos espero que haja uma melhoria significativa nos recursos humanos, em particular aqueles ligados as artes cénicas, através da formação e de maior oportunidade de investimento destes, assim como uma maior sensibilização e reconhecimento da sociedade. Espero também que haja um despertar da consciência das pessoas e dos empresários para a cultura e o facto de que esta pode ser uma indústria, capaz de gerar lucros para o país, nas suas diferentes expressões. Mas para isso é fundamental existir uma especialização adequada de quadros nas diversas áreas da gestão cultural, por isso insisto muito na questão dos recursos humanos qualificados para os desafios que um país em construção requerem.

Jornal Cultura - Quais são os projectos vindouros da AAT?

Adelino Caracol - Primeiro e antes de tudo queremos ser uma associação mais ampla, capaz de acudir os actores de Cabinda ao Cunene e com uma comunicação rápida e fluida. Estamos também a criar condições para a criação de uma companhia nacional de teatro, mas para isso vamos antes fazer um estudo sobre a profissionalização, a nível do sector. Outro propósito é trabalhar mais para o reconhecimento dos homens das artes cénicas e garantir que, no futuro, estes tenham uma reforma sadia. Esperamos ainda fazer uma ponte mais firme entre a produção nacional, no domínio do teatro, e um aproveitamento melhor na aplicação efectiva do mecenato cultural.

CDC ASSINALA DIA MUNDIAL DA DANÇA

Para assinalar o DIA MUNDIAL DA DANÇA, a Companhia de Dança Contemporânea de Angola vai abrir as portas ao público, com o objectivo de partilhar o trabalho diário de um bailarino.

A sessão terá lugar no dia 29 de Abril (sábado), pelas 15.30 Horas, na sede desta companhia, sita na Rua 11, Futungo II (perto do Centro de Conferências de Belas) e é de entrada livre.

Durante a tarde, os presentes irão assistir ao vivo às diferentes etapas de trabalho de um bailarino profissional, tomando contacto com uma exigente e rigorosa rotina (aulas, ensaios e espectáculos), cuja essência é ainda mal conhecida em Angola.

Será também apresentado um documentário sobre a existência e as realizações desta companhia histórica e, para aqueles que o desejarem experimentar, será oferecida a oportunidade de aprender e dançar um fragmento de uma coreografia do repertório da CDC Angola. Por isso, pedimos a todos que venham vestidos com roupas práticas e confortáveis.

Ao mesmo tempo que se celebra o dia dedicado à dança em todo o Mundo, este evento visa incrementar a sensibilidade e a educação artística da sociedade, contribuindo para a educação do gosto do público, incentivando-o à apreciação estética e ampliando os seus conhecimentos culturais.

A CDC Angola informa que, por respeito às normas de conduta que vigoram para as aulas e ensaios de dança, a entrada de público será interdita a partir do início da actividade.



Foto de Rui tavares, CDC



Foto de Rui tavares, CDC

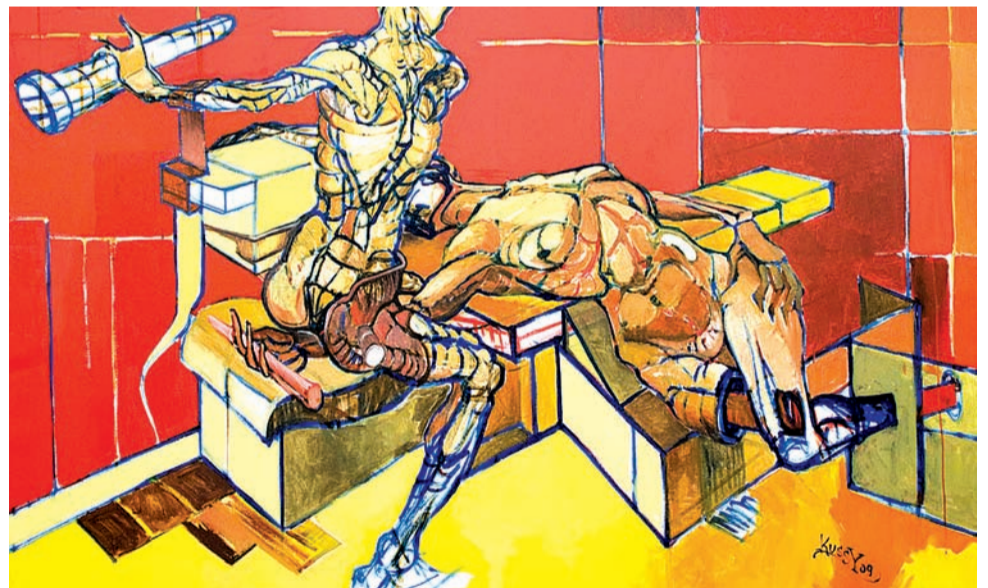
“SEXO FARMACÊUTICO” EM VIANA PELA COMPANHIA DE TEATRO DADAÍSMO

A Kikunga Entretenimento e a Cia. de Teatro Dadaísmo realizará a estreia da peça "Sexo Farmacêutico", no dia 30 de Abril, 6 e 7 de Maio, numa nova sala, na Casa Viana.

A Companhia de Teatro Dadaísmo existe desde 2006 e já representou Angola em diversos festivais de teatro no Brasil. Apresenta esta nova peça com dois actores: Carlos e Carvalho e Yolanda Viegas, bastante conhecidos pelo público através dos trabalhos feitos em televisão, teatro e cinema.

"Sexo Farmacêutico" é uma peça que reflecte a vivência de um casal e sua vida

conjugal após vários anos de casamento. Texto adaptado e encenado por Hilário Belson.



BINELDE HYRCAN ESTAGIA EM LONDRES

BineldeHyrcan iniciou no dia 9 de Janeiro deste ano a sua residência artística de 2 meses na Delfina Foundation, em Londres, Reino Unido

Esta é a primeira vez que um artista angolano tem uma oportunidade de frequentar tal residência no Reino Unido.

O 'ELA - Espaço Luanda Arte' conseguiu obter apoios privados no Reino Unido e em Angola, de forma a garantir esta residência, e acredita não só na importância enorme que estas plata-

formas tem no crescimento do Artista mas também no imenso papel diplomático que a Arte Contemporânea Angolana poderá desempenhar na melhoria de relações e actividades entre os dois países, o Reino Unido e Angola.

O ELA espera que este primeiro exemplo ajude a garantir não só a atenção, mas eventualmente catalise o apoio (privado e público) para mais residências de artistas angolanos não somente no Reino Unido, como em outros países do Mundo, no futuro.



O CAPITAL HUMANO

Os recursos humanos são o capital mais valioso de qualquer nação. Por isso, desde épocas remotas, países de todos os continentes têm apostado de forma fundamentada, estruturada e duradoura nos sistemas de educação e ensino para catapultar o desenvolvimento e, desta forma, conferir qualidade de vida aos seus cidadãos. Assim têm feito, por exemplo, o Egipto, a Austrália, o Japão, a Finlândia e o Canadá.

A logicidade dessa práxis governativa assenta no facto de ninguém nascer ensinado. Com efeito, "Nós somos o que somos sobretudo porque, pela nossa própria experiência, e pela experiência dos outros, podemos aprender como nos adaptar ao meio físico e social. Não é, pois, de admirar que a maior parte dos psicólogos considere a aprendizagem o processo psicológico mais importante." Assim sentenciou Norman Leslie Munn, no séc. XX, no seu *Traité de psychologie*.

Esta constatação desagua nas políticas educacionais que têm vindo a ser implementadas pelo Executivo angolano para honrar os compromissos assumidos no Fórum Mundial de Educação Para Todos, realizado em Dakar, em 2000, dos quais recuperamos seguintes: proporcionar uma educação básica de qualidade para todos; conseguir 50% de aumento no nível de alfabetização de adultos até ao ano de 2015, especialmente mulheres; eliminar as diferenças do género na educação primária e considerar como imprescindível a participação de instituições da sociedade civil, dado o papel relevante dos cidadãos na concretização dos objectivos fixados para a Educação.

Outrossim, a intenção de capitalizar as valências de cada cidadão promoveu o Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE) "Educar Angola 2017/2030", que se propõe solidificar os sucessos educativos conseguidos nestes quinze anos de paz nacional.

Contudo, quando se discute o esta-

do da Educação, no nosso país, é comum escutar vozes sonantes e discordantes. Por um lado, cidadãos acirrados por um pessimismo visceral, vituperam apenas negatividades: taxa de analfabetismo; baixo salário e condições de trabalho dos professores; carestia dos materiais escolares; alto preço das propinas universitárias, etc. Por outro, contrários mais pacíficos e optimistas apregoam unicamente positivities: renovação do parque escolar; elevação da qualidade da classe docente; aumento exponencial de bolsas de estudo; massificação do ensino, etc.

Com vinte anos de carreira docente e tendo vivenciado variadas reformas no sistema de ensino, afastamo-nos dessas posições extremistas, focalizando-nos somente na vertente do capital humano.

Deste modo, somos de opinião de que o PDE, que se consubstancia no aumento do número de discentes; na expansão da rede escolar; no incremento da oferta pública e privada para o acesso ao ensino universitário, assim como do corpo docente, só atingirá os seus propósitos se, paralelamente, for reforçada a acção cívica de renovação da mente de enorme franja da população angolana.

Neste ponto, recuperamos os fins do Sistema de Educação e Ensino contidos no artigo 4º da Lei de Bases do Sistema Educativo (Lei 17/16), cuja alínea a) reza o seguinte: "Desenvolver harmoniosamente as capacidades intelectuais, cívicas, morais, éticas, estéticas e físicas, bem como o sentimento patriótico dos cidadãos, especialmente dos jovens, de maneira contínua e sistemática e elevar o seu nível científico, técnico e tecnológico, a fim de contribuir para o desenvolvimento sócio-económico do País."

Uma análise politicamente desapixonada permite reconhecer que o esforço para cumprir Dakar, através da materialização do PDE, tem contribuí-

do para o desenvolvimento intelectual dos nossos jovens. Todavia, a componente cívica de uma grande fatia da nossa juventude permanece incipiente, como se inferedestes casos publicados e partilhados nas redes sociais:

"O lamentável é ter mais de 80% do cérebro de uma boa parte da juventude actual cheia de letra (lírca) de músicas como K-duro, house, rap, kizomba e semba que em absolutamente nada lhes vai servir. São muitos palavrões e baboseiras memorizadas no "Hard drive" da juventude. E no fim agem da forma que as ditas músicas insinuam. Veem-se crianças nas ruas e bairros a imitarem músicas tristes, "vou matar lá um" "abre para te por bem" "mete só" "pengua mado porra" "cara de pit bull nesta bitch" "rei da coloca" "senta no pula-pula" "fak isso, fak aquilo" "que saf--a"..... É ver como a juventude dança e transpira ao som desta poluição mental e sonora. Eh! Ontem no boda bateu bué ya! O importante já não importa tanto, o sonho é aparecer na TV, em shows a cantar e a dançar. É fumando e bebendo que se acha da actualidade, ter relações sexuais com inúmeras pessoas, ter filhos antes do ensino médio e ficar grávida dentro da casa dos pais e muitas vezes com homens casados, são a medalha de ouro das olimpíadas da desobediência e falta de disciplina. São contáveis os jovens que sabem para onde ir, muitos já vivem o fim das suas vidas quando ainda nem começaram a viver. A disponibilidade de bebidas alcoólicas nos arredores das escolas e parques de diversão coartam objectivos para a vida. Aparentam ser jovens de sucesso, usando roupas e acessórios caros, quando no interior são carentes do que é bom. E nos exortamos dizendo: " estamos sempre a subir". A subir? Para onde?!"

O laxismo com que uma grande fatia da nossa juventude encara a vida faz-nos recordar dum episódio ocorrido numa das aulas de Português Jurídico



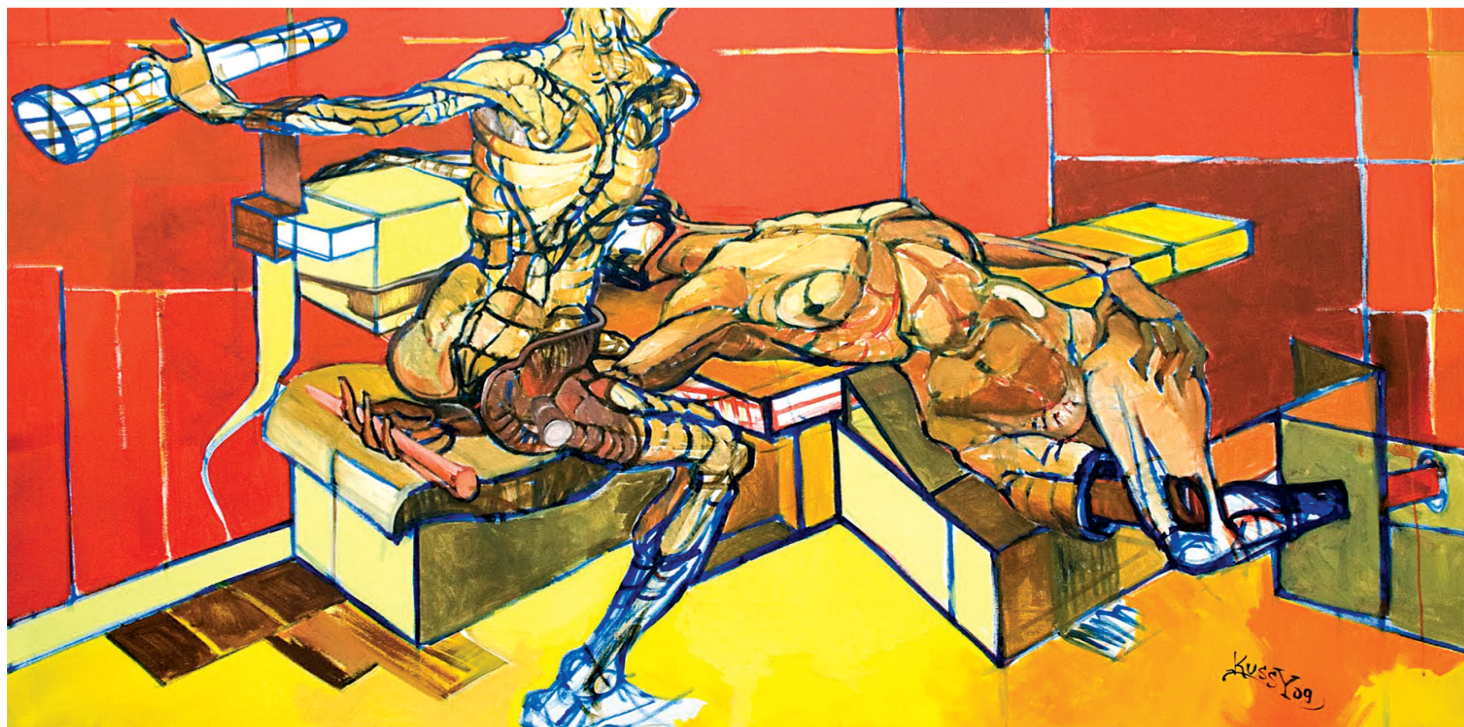
MÁRIO ARAÚJO

em que, estando nós a motivar os alunos do curso de Direito para a imprescindibilidade de dominarem as técnicas da retórica, um aluno comenta de forma sonante que não precisa de dominar a oratória porque apenas pretendia exercer a advocacia como Conservador de Registos! Claro que ficamos estupefactos com a ambição medíocre daquele estudante universitário.

Atente-se que, para a inocuidade dessa forma de se estar na vida contribui o reiterado atropelamento do Português, a Língua Oficial da nação. São disso exemplos versos de canções populares de cançonetistas galardoados: "Quem nasce cuida..." e "Este país que nasceu meu pai." Também um programador radiofónico, muito apreciado pelos taxistas e chamadores da nossa praça, contribui com o donativo de um linguajar rasteiro em que pontifica a expressão gritada reiteradamente "É extremamente complicado!" Finalmente, o terceiro tipo de empobrecimento linguístico da nossa população é fornecido pela cadeia de supermercados que propaga a ser "... o maior hiper de Angola." Este slogan tem conseguido o duplo efeito pernicioso de convencer os nossos adolescentes a escreverem o verbo "querer" com "k": Eu kero, Tu keres, Nós keremos; bem como escreverem a classe de substantivos próprios, como Angola, com a inicial minúscula! Perante este cenário, nós, professores, perguntamos: Como contrariar esta avalanche de atropelamentos linguísticos?

Do exposto, decorre a constatação de que a capitalização dos recursos humanos nacionais só será alcançada se a massificação do ensino for acompanhada do reforço do esforço para a educação cívica dos cidadãos, para que todos efectivamente nos comprometamos a servir os interesses da nação a vários níveis.

Assim, a acção do Executivo, o desempenho docente e o civismo da população são os três ângulos do triângulo equilátero da responsabilidade de todos para o alcance da meta de entrarmos para o Grupo de Países de Desenvolvimento Humano Elevado até 2025.



LÍNGUA PORTUGUESA PROMOVE INTERCÂMBIO CULTURAL ENTRE ANGOLA E O GIPTO

O ensino da Língua Portuguesa e da Literatura dos países da CPLP, no currículo do curso de Português na Universidade de Aswan no Egipto, abre uma janela para a promoção científica, o fortalecimento e aproximação cultural entre povos de distintas origens.

Esta afirmação foi proferida há dias pelo adido de imprensa da Embaixada de Angola, na República Árabe do Egipto, Higino Piedade, quando dissertava sobre as relações culturais entre Angola e o Egipto nas III Jornadas da Língua Portuguesa, organizadas pela Universidade de Aswan.

O diplomata manifestou a vontade de ver partilhados o legado cultural do Egipto aliado à experiência da sua gente e sobretudo, dos seus académicos com Angola para o fortalecimento do intercâmbio cultural entre os dois povos irmãos que comungam dos mesmos objectivos, como o de uma África melhor para todos os seus filhos.

Na ocasião, Higino Piedade destacou a grandeza cultural de Angola que se manifesta de diferentes formas, no artesanato, por exemplo, as variedades de materiais utilizados pelos ancestrais, através de estatuetas em madeira, como o Pensador um dos símbolos mais representativos da cultura nacional.

Enumerou, de igual modo, os instrumentos musicais, as máscaras para as danças de rituais, as pinturas a óleo e areia que fazem parte dos artefactos, cuja comprovada qualidade artística encontram-se patentes em museus, galerias de arte e feiras.

No que a dança angolana diz respeito, exaltou a tradicional promovida por diversas etnias existentes no interior do país, tendo realçado serem os mais velhos os que mais se destacam nessas manifestações.

Enquanto a dança social, bailadas nos grandes centros urbanos, como são os casos do Semba e a Kizomba que têm sido, no seu entender, um verdadeiro cartão de identificação da cultura angolana, assumindo-se agora, como um factor de internacionalização. Neste aspecto, o diplomata mostrou-se radiante pelo facto da musicalidade angolana começar já a constituir interesse de alguns egípcios.

Higino Piedade disse na sua dissertação que não se pode falar da cultura angolana sem que se faça referência à Literatura em Língua Portuguesa e, neste quesito, o nome do Dr. António Agostinho destaca-se, pelo facto de a par da política ter dedicado alguns momentos da sua vida à arte de bem escrever, tendo deixado um legado poético que até hoje, continua a inspirar às novas gerações que não só declamam os seus poemas, como o musicam.

Várias Universidades espalhadas pelo mundo, como a de Aswan, estudam o alcance do seu pensamento, o interlocutor, referiu-se igualmente a outros importantes escritores angolanos como: Pepetela, Luandino Vieira, Viriato da Cruz, António Jacinto, Raúl David, Uanhenga Xitu, entre outros.

Por sua vez, a Professora Ana Pitra Gróz Chefe de Departamento da Língua Portuguesa da Faculdade de Letras, da Universidade Agostinho Neto, discorreu sobre a situação actual da Língua Portuguesa em Angola, da coexistência desta, com as línguas Angolanas, da trajectória da Literatura Contemporânea Angolana.

Aproveitou a ocasião para falar sobre os objectivos que prosseguem na instituição em que lecciona e sobre as conquistas alcançadas pelas mulheres angolanas no seu empoderamento desde o alcance da independência nacional a 11 de Novembro de 1975.

Ao intervir na sessão de abertura das jornadas, o Secretário do Governo da Província de Aswan, Aynar Mokhtar, defendeu um maior intercâmbio na promoção da Língua Portuguesa entre as Universidades com o mesmo nome da sua cidade, e as congéneres da Agostinho Neto de Angola, Mato Grosso do Brasil, a do Porto e o Instituto Camões de Portugal.

A Universidade de Aswan ministra desde 2014, o curso de Português. A margem das Jornadas, as Universidades de Aswan e do Porto, assim como o Instituto Camões, rubricaram Acordos de Cooperação e de Intercâmbio Científico, cultural e Promoção da Língua Portuguesa.

A assinatura do acordo com a Universidade do Mato Grosso do Brasil foi adiada para uma outra oportunidade, porquanto, o mesmo tramita nos canais diplomáticos egípcios, e com a Universidade Agostinho Neto, por carecer ainda de concertação e pela ausência da sua Reitora, Maria do Rosário Sambo, por questões de agenda, poderá ocorrer em data anunciar.

No acto estiveram presentes para além de autoridades locais, a embaixadora de Portugal, Maria Madalena, o embaixador de Moçambique, José Manuel Nunes, o adido de imprensa de Angola, Higino Piedade e a adida de Cultura do Brasil, Yukie Watanabe, acreditados no Egipto.

Do leque de participantes constaram ainda, o Reitor da Universidade de Aswan, Professor Dr Ahmed Mohamed, a reitora da Universidade do Mato Grosso do Brasil, Ana Di Rinzo, a vice-reitora da Universidade do Porto, Maria de Fátima Marinho, a vogal do Conselho Directivo do Instituto Camões, Maria Gabriela Soares, a profes-

sora Ana Pitra Gróz da Faculdade de Letras da Universidade de Agostinho Neto, docentes e discentes da disciplina da Língua Portuguesa naquela instituição universitária egípcia.

De referir que a província de Aswan, situa-se a sul do Egipto, distando-se a 868 kms da cidade do Cairo,

contando com uma população de mais de 300 mil habitantes que têm na agricultura com a produção de horti-frutícolas, na pesca fluvial, na fabricação de materiais de construção civil, na cerâmica, na cestaria, no comércio e no turismo, as suas principais actividades geradoras de rendimento.



PRIMO NARCISO

(IV parte)

CONTO DE ANTÓNIO FONSECA



Man Kidí, dá então um salto p'ra frente. Atira o braço com o punho em riste na direcção de Narciso que se esquivava e lhe espeta uma enorme bofetada. Surpreendido, Man Kidí cai, mas levanta-se:

– Xê rapaz... o outro sô stava a trenare! Agora já lhe deste uma bofa? Agora mesmo é que vás vere...

E vem com uma grande velocidade, tenta mandar um soco ao rapaz, mas este esquivava-se novamente e dá-lhe uma bassula: uma daquelas quedas em que se deixa cair o adversário enfiando uma das pernas pelo meio das dele e se inclina a mesma em sentido giratório para um dos lados. Man Kidí estava no chão, para o espanto de todos e levava murros de Narciso, que lhe enchia a boca com areia.

Este, Narciso, depois de inanimado o adversário, pega no rapaz que o acompanhara e, seguido da família e dos demais miúdos e mirones que, entretanto, se haviam juntado ao grupo, lá se foram todos embora. Nesse dia Narciso foi chamado para a sentada habitual dos amigos do bairro que queriam saber qual era o seu feitiço que lhe permitira derrubar o Man Kidí. Narciso dizia que não tinha qualquer feitiço, mas alguns asseveravam que ele tinha matiti do Kongo ou, pelo menos, do Ambrizete. E foi naquela circunstância e lugar que conheceu o Pernambuco.

Man Kidí, depois de algum tempo, lá recuperou, levantou-se a cambalear e lá se foi. Desapareceu durante um tempo.

Certo dia, apareceu defronte da loja mais frequentada do bairro, ali em frente ao Campo da Académica. Tinha ido comprar qualquer coisa. Ao verem-no, escondendo-se nas esquinas e nos becos, os miúdos gritavam:

– Man Kidí lhe deram no kandengue; num lh'aguenta; num lh'aguenta... Man Kidí lhe deram no kandengue; num lh'aguenta; num lh'aguenta...

Man Kidí chamava a miudagem que, entretanto, à distância gozava:

– O quê que você quer Man Kidí? É o quê Man Kidí? Tê deram.

– Ouvem sô o que vos vô falare... Se algum dia eu ouvire falare ou me abusare daquele mambu que eu tive de treinamento de palácio com o mô kamba... então vão vere...

– Oh... cala a boca... qual tô kamba... qual treinamento?... Tê deram.

Man Kidí, de cabeça baixa, lá se foi e desapareceu do bairro. Fora-se a sua fama e nascera a do Narciso que corria de boca em boca qual a do Pernambuco que, defeituoso de uma das pernas e camões de um dos olhos, dizia-se que tinha na cabeça o que lhe faltava na perna e no olho. Rapaz de muitas leituras, era também na roda de amigos um grande contador de histórias.

Contava ele que, ao passar pela Marginal, muitos transeuntes param a observar a fortaleza. Parece que estão a contemplar a sua beleza arquitectónica debruçada sobre a Baía de Luanda. Porém, na verdade, observam a ladeira, procurando com o olhar uma corneta e contava o Pernambuco que, em toda a história da humanidade e em todos os tempos, a acumulação primitiva de capital e por consequência o surgimento das classes sociais, só se deu por duas vias: a da existência de excedentes de produção e a do saque. E acrescentava que todas as guerras têm o saque e neste país não tinha sido diferente. Contava o Pernambuco que, de acordo com a cópia de um velho jornal que seu avô tinha, naquele já distante ano de 1891, o redactor do "Desastre" fora em serviço à Muxima, tratar com o Quimona-quiasongo, ao Duque de Bragança, com a Rainha Ginga, ao Libollo, com o Capololo, ao Bailundo, com o N'gana Ecuicui, e até ao Bié com o Sobba Grande – para virem a Loanda, para no caso de haver revolta elles nos defenderem (3).

Acontece que Arthur de Paiva invadiu o potentado do Sobba Grande e os Jornais da localidade, queimaram incenso ao referido governador quando a causa de ali terem entrado, foi ausência do Sobba Grande! Pois elle em viagem para Loanda para vir implantar a independência, como podia defender os seus domínios? Cahiu na asneira de entregar os seus territórios a um sobe-ta fraco e medroso. Como todos sabem:

Um fraco rei

Faz fraca gente

(...)(4).

Dizia o jornal no dia 8 de Fevereiro que, hontem à noite, chegaram por diversas partes às portas da cidade os potentados todos que ennumeramos. Reuniu-se o conselho executivo composto dos estadistas Fontes Pereira que não obstante velho e alquebrado João Pinho, que andando errante pelo sertão muito contribui para independência d'Angola,

Francisco Vanduném, o heroe dos dembos - Os Dembos verdadeiros não os mubires - Arcenio de Carpo, o Valente e destemido jornalista que tanto tem pugnado pela independência (que acaba de realizar-se), Cornélio de Castro Francina, o heroe de El Corriente, e Mamede Santana e Palma, o arrojado redactor do Desastre, e em conselho resolveram dar o posto de general em chefe das tropas ao cidadão Castro Francina e nomeá-lo comandante da columna d'operações(5). Naquele dia, acrescentava, o general Francina, envergando ainda a sua farda de capitão de 2ª linha, desembainhou a espada ferrugenta, beijou o filhinho no berço, abraçou a filhinha idolatrada e disse:

– Parto para a guerra. Vencer ou morrer. No Alto das Cruzes vou fazer fuzilar meia dúzias de patrícios renegados (...). Agora não conheço amigos, porque acima de tudo está a Pátria. A minha espada está enfurejada? Não importa. Com ella farei prodígios.

Acabou de proferir estas palavras e fugiu com receio de enfraquecer na hora que tinha de dizer o último adeus a família.

Seriam 4 horas da tarde de hontem, quando um pannico terrível se apoderou de Loanda! Os sinos tocavam a rebate. Nos quartéis tocava-se a unir. Os estabelecimentos todos fecharam as suas portas. Momentos depois, o general Cornelio Francina, ao som da muzica das marimbas, puitas, tambores e pifanos, marchou para a secretaria geral, onde, dirigindo-se ao Sr. Secretário geral interino, lhe ordenou que fizesse a entrega do palácio e ordenasse aos governadores das fortalezas a entrega de todos os fortes da cidade. O Sr. Secretário geral, em termos inérgicos, recusou-se. Chegou à janela e mandou formar os soldados da guarda principal. O general Cornelio, disse ainda não sabemos que palavras ao Sr. Secretário, ao que este respondeu em voz alta que se ouviu cá fora:

– É a minha última resolução. Retire-se senão mando-o prender já.

– Pois bem! Nós veremos quem vence – respondeu o valente e honrado general.

Chegado cá fora, esqueceu-se que as suas tropas não entendiam portuguez e manda n'esse idioma fazer fogo.

N'esta ocasião porem o Sr. Secretário com uma arma na mão chegou à janella em attitude de querer atirar.

O general Francina dá umas poucas vozes de commando e o gentio cheio de medo, foge em debandada!

O general indignado, emquanto o Sr. Secretário se desfazia à gargalhada, corre veloz atrás das suas tropas e só as vae apanhar próximo do tribunal.

Então sim. Alli é que foram ellas. Começaram a arrazar o tribunal largando-lhe fogo. Os processos ardião que era um gosto (...).

Alguns só entornado-se-lhe por cima uma grande porção de petróleo tirado dos armazéns da Camera se conseguiu a cinza.

Depois de destruído o tribunal judicial, o general Francina vendo que as suas tropas creavam animo, resolveu dar um assalto à fortaleza de S. Miguel.

O fogo foi terrível; depois de quatro horas de combate o general Francina com os olhos injectados, as narinas dilatadas, coberto de sangue, fumo e pó hasteava a bandeira da independência d'Angola, firmando-a com uma salva de 21 tiros.(...). Eis pois a rasão, leitores, porque hoje de manhã, quando ao ollharedes para a fortaleza de S. Miguel em vez da conhecida bendeira das quinas, visteis um farrapo de cor duvidosa.

O general Francia pôz logo em liberdade todos os presos que alli se achavam os quaes cheios de satisfação, corriam pelas ruas berrando como uns possessos dando vivas à independência (...)(6).

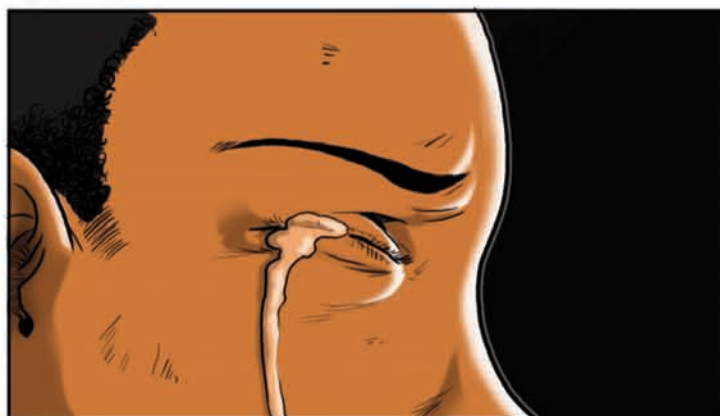
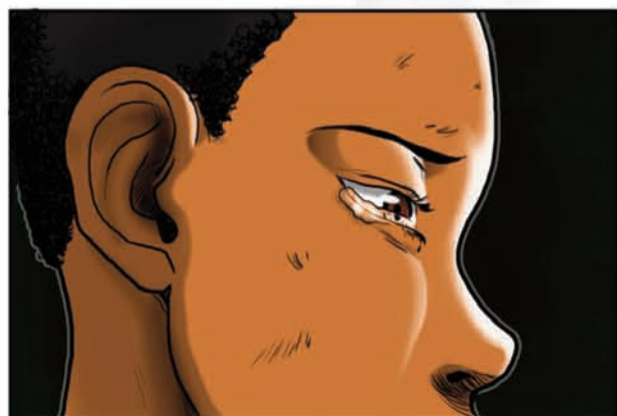
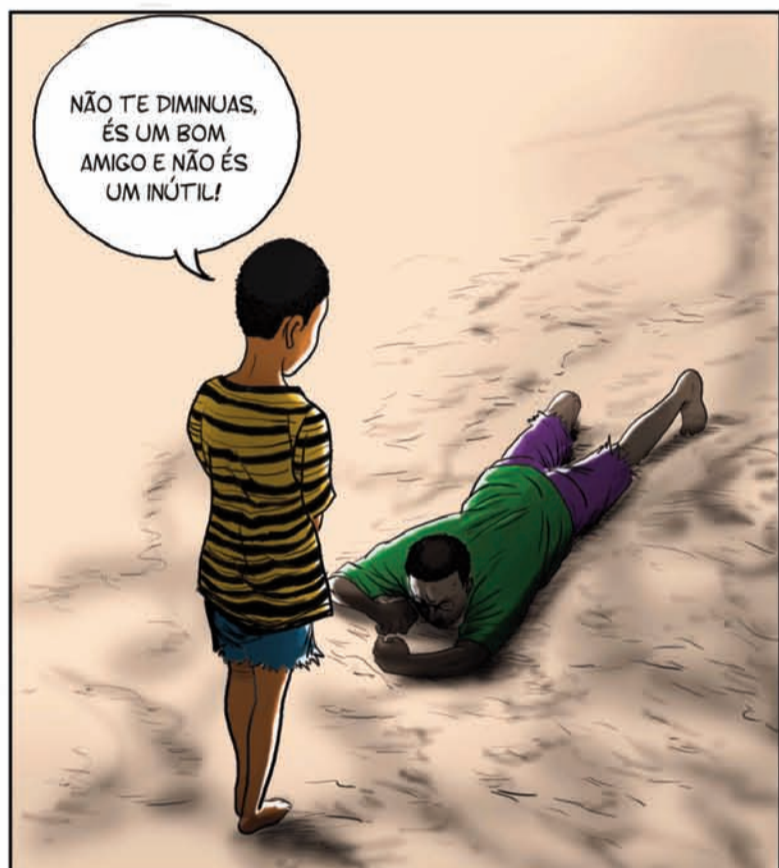
(Continua no próximo número)

A GERAÇÃO DO HOLOCAUSTO

Nº 12

Desenhos e Artes finais: GILDO PIMENTEL
(Adaptado da história de Lito Silva)

ANA NTUMBA



PARADA dos **KANDENGUES**
© Sisma Comics
www.sismacomics.com

A PUBLICAÇÃO DA GAROTADA

A **18** ANOS

DEFILANDO ALEGRIA



KZ 500,00

NÚMERO 25.

COM A HISTÓRIA **PARADA JURÁSSICA**

VOCÊ PODE COMPRAR NOS SEGUINTE LOCALS:

- BAZAR SEDUÇÃO
- LIVRARIA MENSAGEM
- DISTRIBUIDORA AFRICANA
- INIC
- COLÉGIO AFRICANO
- COLÉGIO KAALI
- COLÉGIO JOAQUIM MENDES
- COLÉGIO ALBERT EINSTEIN
- COLÉGIO JÚLIO VERNE
- SUPERMERCADO GOURMET
- LOJA PALMAS
- MADE IN ANGOLA
- BARBEARIA MAIANGA